

Expressiva alegria em dias de festa. É assim nas Casas do Gaiato.

Património dos Pobres

Bairros

Logo de início Padre Américo sentiu o peso da construção de bairros de casas para Pobres nas vilas e cidades. Aglomerados de pessoas, muitas vezes desconhecidas, com seus problemas específicos.

Construíram-se muitos e as casas encheram-se de pessoas. Muitas instalaram-se naquilo que não era propriamente seu. A vida económica e social melhorou para a maior parte dos habitantes, mas estes ficaram parados.

Hoje encontramos neles muitas habitações degradadas. Portas e janelas com fendas, vidros partidos, paredes sujas,

telhados a cair e os habitantes só à espera de quem lhes vá remediar a situação. Não houve promoção. Há muito abandono!

Felizmente, também há muitos casos positivos. Há muitos que conservam suas habitações airoas. Há bastantes que compraram ao Património as moradias que habitam, embora por preços acessíveis.

Há dias, o correio trouxe mais uma carta. É da paróquia duma cidade e diz assim: «Está o Património dos Pobres desta freguesia empenhado na recuperação dos 21 fogos; a obra de recuperação dos três bairros está orçada em aproximadamente nove mil contos.

Nesta altura não temos receitas que permitam o mínimo de obras. Recor-

remos a várias entidades oficiais a quem se pode recorrer nestes casos e, apenas o Governador Civil respondeu afirmativamente com um subsídio de 200 contos.

Os prédios degradam-se e as obras são uma necessidade absoluta. Nesta conformidade tomamos a liberdade de solicitar alguma ajuda à Obra da Rua».

Estivemos alguns dias para responder. O fundo do Património dos Pobres, da Obra da Rua, não tem capacidade de resposta para estes casos. Entendemos também que a Fabriqueira não pode nem deve solucionar todas estas situações.

Há que rever a vida das famílias. Quanto ganham em cada uma. O

Continua na página 4

Malanje dia-a-dia

27/6/93

Chama-se Delegado. Olhos matreiros de raposa ladina... Foi a primeira impressão quando ontem me surgiu e falou: «Não tenho pais. Durmo nos pátios. Passo fome». Fomos aos Bairros, perguntando, perguntando... Apareceu um rapaz da sua idade (14 anos): «Eu conheço-o e sei onde mora. Ele é gatuno». Mais duas ruas e aparece a casa do Delegado, e seu pai e sua madrasta. Que não o tratam mal. Ele é que foge e anda nas feiras, e rouba, e, e...

Ficaram com ele.

Dá-nos impressão que já tem nas veias um vírus difícil de vencer.

30/6/93

Papá Miguel com um grupo de cristãos estão fazendo adobes no terreno da capela para uma casa de acolhimento a crianças e velhinhos — como creche de acolhimento diurno. Irmã Amélia tem a batuta e tudo gira em harmonia.

Fomos lá, hoje. Cinco homens faziam adobes e 20 mulheres acarretavam água.

A Irmã deixou géneros para o almoço em casa de papá Miguel. Tudo em ordem e com amor.

«Onde há paz e amor, aí habitas Tu» — informando e comandando os corações.

Exemplo vivo duma Comunidade de Base!

Mais palpitações de vida que as grandes igrejas, são estas pequenas comunidades.

Evangelho ao vivo!

1/7/93

Hoje foram as velhinhas do campo de aviação (Bairro do Campo). Que caras mais lindas e cheias de paz!

Quase todos os moradores fugiram com medo dos obuses que flagelam o campo; elas ficaram.

Continua na página 3

FIQUEI a saber que a cor amarela tem um altíssimo poder terapêutico. Ela cura muitas doenças, que ignorava, na vida das pessoas.

Foi assim.

Preciso de ir visitar um doente ao hospital. Ainda longe começo a ver silhuetas amarelas na entrada da unidade hospitalar. São cinco ao todo. À medida que me aproximo, os rostos tornam-se-me familiares. E um deles sorri. Saúda-me. Os outros fazem o mesmo. Trata-se, afinal, de gente bem conhecida. E o meu espanto faz-me exclamar sem rodeios:

— Então vocês trocaram o Calvário por este serviço!?

— Sabe...

E as desculpas arranjam-se à pressa..., não sem uma certa atrapalhão. Em tempos, estes senhores e senhoras vinham dar a mão, em certos dias, ao Calvário. Mas, pouco a pouco, foram alegando desculpas para se ausentar.

CALVÁRIO

Era a coluna... Era o coração... Eram mazelas que os clínicos proibiam apouquentar com trabalhos simples.

Ora, todos os males parecem ter desaparecido porque o amarelo das batas dos voluntários, que é a cor da moda, fez a cura das maleitas havidas. E eis que todos os neo-voluntários se encontram agora de boa saúde para subir e descer escadas, para colaborar nos cuidados a prestar aos doentes.

É a vaidade da cor, do local público, do crachat atraente.

Ninguém gosta de coisas simples, discretas e apagadas como as que aqui se realizam.

Estes senhores e senhoras são «pessoas de Igreja», de «movimentos», de boas famílias, de teres e haveres. E o tom do seu viver deve continuar na mesma nota alta. Baixar a escala e descer é perder a categoria social que se adquiriu.

Como o Evangelho é esquecido: «Quem se

humilha será exaltado!» O Filho do Homem fez-Se um de nós sem deixar de ser o Filho do Pai Eterno! A grandeza de cada um está dentro de nós e não na cor do vestuário. A encadernação luxuosa dum livro não significa que o conteúdo daquele seja necessariamente de alto valor. Às vezes, o valor do mesmo encontra-se apenas e só na encadernação.

Fiquei a admirar mais ainda os que perseveraram neste labor oculto, feito sem alaridos, sem outra recompensa que não seja a de verem os doentes felizes com os amigos verdadeiros que nunca se cansam porque bebem a coragem e o alento nas palavras de Paulo aos Coríntios: «A Caridade não se ufana nem se ensoberbece. Tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

As silhuetas canarinhas lá permanecem encantadas no seu posto, como bandeiras acusatórias aos serviços hospitalares que são pagos para executar aquilo que outros vêm suprir.

Padre Baptista

Conferência de Paço de Sousa

O VALOR DO TRABALHO
— Avíamos à pobre mulher mais uma receita (de medicamentos) para se manter de pé. Doente crónica!

— *Passo mal! Preciso de forças... para ganhar mais algum.*

Uma Pobre dos velhos tempos, com vergonha de pedir! Aquele «preciso de forças» é sintomático, face à necessidade material para a sua subsistência — «q'a dieta fica muito cara».

Às vezes, porém, surge uma ou outra pessoa — podendo viver por suas mãos trabalhando — que nos obriga a uma pedagogia específica, que faz parte integrante do ser e do agir das Conferências Vicentinas.

É um caso muito sério, a doença dos braços caídos, da esmolinha!

Por isso, vale a pena referir a acção dum servo dos Pobres com o dom de resolver, eficazmente, estes problemas. Ele é descendente duma família de parcos recursos. Tão parcos que, há muitos anos, a avó chegou a ser ajudada... Subiu na vida. Mas não perdeu a cabeça. Tem presentes as dificuldades dos antepassados. O sacrifício e o equilíbrio para viver com dignidade.

Pois há dias surgiu um caso de mão estendida por braços caídos. Prontificou-se a tomar conta, explicando e testemunhando o valor do Trabalho:

— *Vivem numa casa, de borla. Não pagam renda. Sabem qual o valor dum aluguer...!? Para construir a minha, fiz enormes sacrifícios! Ainda agora a minha mulher trabalha, às vezes, onze horas por dia para a gente se poder governar. Vocês têm mas é de trabalhar... A Conferência é para atender os que precisam!* Disse tudo!

PARTILHA — Assinante 9790: «Uma pequenina ajuda (7.000\$00). Peço uma oração a Nossa Senhora para que interceda por todos nós junto de Jesus para que nos seja concedido o dom da Paz — nas almas. E, deste modo, surja o amor e perdão e, naturalmente, o calar das armas».

Achega muito oportuna! Até porque a Mãe de Jesus é a Rainha da Paz.

A «mesada do corrente mês», enviada pelo casal-assinante 11902, do Fundão, para a «distribuição habitual». Curiosamente, após alguns dias, mais um «cheque referente ao 'subsídio de férias' que recebi». Boas melhoras para o senhor Doutor.

Quatro mil, do nosso Agostinho. Sempre que vem de férias — está na Alemanha — não esquece os Pobres da sua terra.

Em discreto sobrescrito, a «migalhinha» (5.000\$00) «relativa ao mês de Julho», pela mão de «uma portuense qualquer». Presença de há muitos anos!

Mais 2.500\$00 do assinante 11151, do Porto, bom companheiro da (que foi) Escola Comercial Mouzinho da Silveira, na cidade Invicta. A velha «universidade das Taipas»!

O óbolo mensal, do assinante 17258, — Baguim do Monte

Pelas CASAS DO GAIATO



O baptizado da Patrik Joel — filha do Agostinho Coelho — na Missa Nova do Padre Júlio Pereira, em nossa Aldeia de Paço de Sousa.

(Rio Tinto) — para a habitação duma viúva.

E mais quarenta deles, de «uma Assinante de Paço de Arcos, partilha de Maio/Junho» e «saudações fraternas» que retribuimos com amizade. Sublinhamos, outra vez, o dom da perseverança — uma graça de Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

GALINHAS — Um grupo de rapazes orientado pelo Henriques, nosso cozinheiro,

abateram 150 galinhas devido ao intenso calor que se faz sentir. Um caso interessante: dois dias depois, o «Banana», encarregado da copa, chama a Adelaide, todo contente e risonho, e mostra uma que se escapou...!

TROLHAS — Continuam a reparar a copa. Por agora não há problema porque se tem lavado a loiça na cozinha de fora. Mas, de qualquer maneira, a copa faz falta!

BATATA — A colheita foi rápida e mais fraca do que no ano passado. Agora estão a escolhê-la para se armazenar convenientemente. Os estudantes — Pedro, Lito, E.T. e os seus amigos — são os encarregados desse trabalho.

PRAIA — O segundo turno já goza férias. O primeiro regressou. O terceiro preparava-se para avançar para Azurara. Uns dias de férias à beira-mar sabem bem a toda a gente.

FRUTA — As ameixas já desapareceram todas! Estiveram a colhê-las e foram guardadas na despensa para serem distribuídas nas refeições.

OFERTA — Agradecemos às papelarias Prenda e Aranha e à Livraria Lú, por nos terem oferecido material escolar.

«**BÓLIDOS**» — Nos tempos livres, a bela avenida da nossa Aldeia fica cheia de «carros de rolamentos» — construídos pela malta. São um espectáculo!

«Vitinbo»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Espero que, com a graça de Deus, todos vós estejais em paz e de perfeita saúde.

Vimos, mais uma vez, dar notícia do casal Maria do Céu que, agora e graças à vossa preciosa ajuda, já se encontra a viver numa casa linda e bem arranjada ao gosto da Céu e do seu marido Zé. A Céu é a única que trabalha fora de casa, pois o Zé estando reformado, devido à sua doença pulmonar, arranja os miúdos e faz a lida da casa.

Desta última vez que os fomos visitar, ficámos um pouco tristes por a Céu ter sofrido um acidente de trabalho e como o dinheiro ainda não tinha chegado, pouco tinham comido na refeição anterior. Todavia, a nossa visita compensou esta necessidade, pois entregámos-lhe a nossa pequena contribuição pecuniária assim como géneros alimentícios que nos foram generosamente oferecidos.

Ficaram radiantes com a nossa chegada. Tiveram o suficiente para a refeição. Na verdade a vida está difícil e esta família que está a pagar uma renda e tem que se alimentar necessita da nossa ajuda. Nesse sentido, apelamos para a compra de um cilindro, para que possam usufruir de mais conforto, podendo tomar uns banhos mais agradáveis no Inverno visto, até à data, estarem a tomá-los em água fria.

O Luís passou de ano; a Margarida, essa é um «ás»,

sabe mais do que lhe é exigido; e a Elvira, se tudo correr bem, entrará este ano na Escola.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da amiga, Leonilde, cheque de 7.000\$00, para a sr^a Lourdes, e meninos, pedindo que meditemos o Evangelho de S. João, cap. 21 v. 1 a 6, «pois é uma rica lição para as nossas vidas»; da assinante 9550, 20.000\$00; da amiga R.O., um vale de 10.000\$00 para ajuda da mãe de 4 filhos; de Idalina, um vale de 20.000\$00.

Conferência de S. Francisco Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Bem hajam.

Casal vicentino

Notícias de Moçambique

FÉRIAS ACTIVAS — Estive um tempo em Portugal. Aproveitei para descansar. Foram dias e momentos de grande alegria, convívio, partilha e muita reflexão. Resolvi voltar para junto desta minha família. Ao manifestar este desejo, obtive respostas inesquecíveis de coragem e oração. Tudo isso me deu forças. Senti que estávamos todos juntos numa luta missionária com empenho, muito sacrifício e bastante fé.

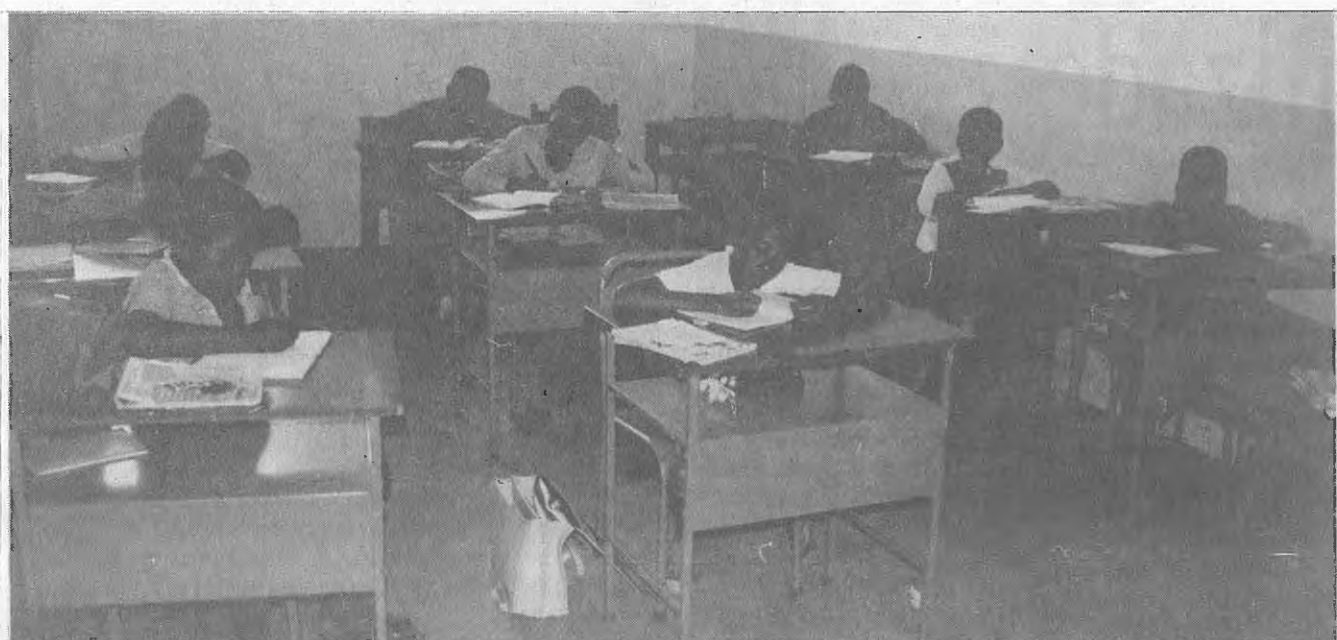
Menciono um enorme apoio: Os meus colegas de Seminário tiveram necessidade de se reverem. E aconteceu. Mas foi suprema a vontade de continuar com algo de mais profundo. Propuseram-se ajudar alguém necessitado numa Missão. Estando eu na Casa do Gaiato de Moçambique, lançaram uma campanha a nosso favor. Elaboraram 6000 tijolos com a inscrição: «Eu ajudei a construir a Casa do Gaiato de Moçambique». Ao dar uma oferta o Amigo seria beneficiado com um tijolo como símbolo. A aderência foi muita e bastante positiva. De muitas partes recebemos recibos consideráveis! Gostava de mencionar alguns colaboradores envolvidos, de corpo e alma, na expansão da iniciativa: Em primeiro lugar, os meus colegas Alcindo e Fernando, ambos da Paróquia de Santa Catarina; e também, o Paulo, da Paróquia da Batalha, pioneiros e coordenadores, juntamente com o Padre Elísio, da Consolata. Outras Paróquias: Santa Eufémia (claro, a minha paróquia sempre disponível), Bajouca, Cardosos, Amor, Milagres e outras. Quero salientar a Caritas de Leiria que também deu a sua preciosa colaboração. Muitos outros participaram, mas seria impossível mencionar todos, pois muitos partilharam no anonimato. A campanha totalizou esc. 1.322.860\$00, mais algumas ofertas em materiais necessários. Agradeço aos colaboradores da iniciativa. É bom sentirmo-nos prestáveis na ascensão de um país em «ruínas».

Quero terminar com uma mensagem do Colégio de S. Miguel, em Fátima, grupo maravilhoso que se empenhou profundamente e contagiou as



Em plena época estival sabe bem um banho na piscina.





A Escola é factor importante na promoção moral e social dos gaiatos moçambicanos

Moçambique

Amanhã será tarde!

Ao sair de uma casa comercial, antes de chegar ao carro, já o Zacarias se punha a andar, olhando para trás, com o seu sorriso largo, de criança grande. Parou à beira do grupo. Eram cerca de onze horas da manhã. Os companheiros — sujos, rasgados, cheios de tinta — estavam deitados a dormir, no passeio de terra. Perguntei ao Zacarias quando tinha juízo e ele olhou-me triste. Tem mais de doze anos e não se vê hipótese de salvação. Esteve aqui

famílias, as paróquias e muitos amigos. Essas crianças deixaram a seguinte mensagem:

«Caros Amigos

Ao vermos a vossa situação ficámos muito comovidos e surpreendidos com o esforço que estão a realizar para ajudar aqueles que se sentem abandonados e perdidos na vida.

O que nos marcou mais, foi sabermos que ainda existe alguém que se preocupa com os Outros que vivem em piores condições de vida; que deixa todas as comodidades para ir para uma terra longínqua educar os jovens na formação humana e cristã, ajudando-os a libertarem-se dos vícios, como a droga, o roubo, etc... organizando, assim, a vida da comunidade.

Nós compreendemos as dificuldades dessa tarefa, mas é necessário que haja alguém que a realize de forma a que todos os jovens possam ter um futuro promissor. Apesar de todas as dificuldades, estamos prontos a colaborar e contribuir para que essa Obra seja totalmente realizada com a ajuda de Deus.»

Com estas crianças sensibilizadas para os problemas do Mundo — querendo ajudar activamente — poderemos acreditar no mundo de amanhã...

Carlos Roda

muitas vezes. Regressa quando está doente. Uma vez curado, põe-se a andar. O vício da rua, o desequilíbrio de uma personalidade indefinida ainda, ou, com mais realismo, o equilíbrio encontrado no ambiente da rua, não o deixam adaptar-se a hábitos novos.

Casualmente, daí a pouco, põem-me o problema destes rapazes: «São dez em frente do 'dumba nengue'. Estão cobertos de sarna. Já comprei remédio e estou disposto a pagar o que for preciso para os tratar, mas aonde?» — diz o sr. Amorim. Expliquei como vivemos aqui em Casa. Amalgamados no refeitório e nas camaratas. Não há solução decente, à vista, nestes próximos dois anos. Ainda nem começámos a construção da casa-mãe e casas de habitação.

Ao chegar a Casa, tinha uma carta a pedir para os dez e a oferecer ajuda. Era a esposa do sr. Amorim. Que fazer? Nada. Não podemos mais! Deus não nos pede mais. Sabemos que todas as instituições que já despontam, estão a braços com o mesmo problema. Sabemos até que numa delas já morreu uma criança por descuido de atenção. E não somos insensíveis, como aqueles que as vão lançar na lixeira quando aparecem mortas na rua. Sofremos a sua sorte. Aflição-nos mais, ainda, porque não manuseiam a faca e a pistola para sobreviver. Resignam-se a comer qualquer coisa que as esmolas permitem, ou que encontram nos caixotes do lixo. A fumar cigarros «maconha», a passar as noites em divertidas aventuras imitando os adultos — que bem conhecem — e ao nascer do sol vão caindo com sono em qualquer passeio, mesmo de maior trânsito. Não são criminosos, mas frutos do crime.

Onde estão os seus pais? Talvez na África do Sul. As suas mães onde vivem? Nos braços de outro ou de muitos outros. Não se julgue que as instituições de atendimento ao menor da rua têm a solução. Haverá, neste momento, umas trezentas atendidas. Mas, pelo menos, outras tantas precisavam de não estar na rua. Amanhã será tarde, como já é para muitas outras!

Nem pensemos que é só uma abertura de corações e de Fé das pessoas da Igreja, a pontos de se desgastarem totalmente nesta tarefa,

como é costume dizer-se por ironia, «de enorme alcance social».

O comportamento da família africana foi desintegrado pelos males da urbanização. As cidades, em qualquer parte do mundo, têm os seus meandros de corrupção moral que escondem impunes os verdadeiros culpados e deixam à margem da vida os seus indefesos. Contra isso?... Não sucumbimos, mas desabafamos como Pai Américo: «Vivo a angústia da Obra que criei».

Padre José Maria

Malanje dia-a-dia

Continuação da página 1

A não ser a pequena ajuda da Caritas, não têm qualquer recurso. Pobreza extrema! Como é possível viver com tão pouco?! Fico, interiormente, confuso...

O Mandamento do Amor aos irmãos — regra de ouro da nossa fé! Sinto que a barramos com tinta.

A expressão dos seus olhares quando nos despedimos!

Não há medida para tamanha profundidade... Meu Senhor!

2/7/93

Levamos chapas para a «casa de acolhimento» que os irmãos estão fazendo.

Acorreu um grupo de crianças gritando: — Comida... Comida...! «Não é comida» — falou Papá Miguel.

Fome no corpo e na alma... Uma ansia de vida que não sei definir com palavras. Só olhando aqueles rostos sumidos e olhares profundos, sentimos e avaliamos a

monstruosidade da fome. Os grandes senhores da guerra, bem seguros e fartos, nem sequer pensam...

As grandes nações fazem o seu jogo económico e vendem armas.

«P. de vida!» — dizia-me, há dias, o Zé Inácio.

5/7/93

Alguns amigos pediram-me notícias da guerra...

É uma náusea tão funda que não dá para expressar.

A maior vítima é o Povo simples e bom... Porém, ele não tem voz. Sofre, sofre... E, vai morrendo.

Estamos numa cidade cercada. Os aviões escasseiam com medo às armas de longo alcance que mandam bombas. Faz lembrar os cercos aos antigos castelos — com perigo «à vista» de faltar o pão e a água.

Pão já não há. Quando aparece um saco de farinha, custa de 2 a 3 milhões... O Povo não tem. Há dias, um litro de óleo alimentar custava 115.000 kuanzas.

A fome já se instalou no coração do Povo.

«Quando 'não há maior esperança', é precisamente a hora da Esperança!»

Ninguém pode roubar a hora de Deus.

Padre Telmo

DOCTRINA



Não há rosas sem espinhos

MAIS, com sua licença, um porco. Pedi-o no meio de muita confusão e de muita vergonha e fui, por fim, atendido. O *ti* Manuel Mocho veio propositadamente de Semide a Coimbra para o tanger. Sabe caminhos, conhece animais, tem muita experiência, é matador. Na Casa do Gaiato, ao cuidado deles, o suíno terá dias de engorda, feliz, até à Páscoa.

A carne porcina tem sido um das coisas mais discutidas no mundo científico e no campo religioso. Logo na infância da Igreja, saída como foi da sinagoga, Pedro da Galileia e Paulo de Tarso tiveram seus dares e tomares por causa dela; foi necessário que o primeiro compreendesse a visão do Céu que veio esclarecer as coisas: tudo quanto sai das Mãos do Criador é *mundo* e pode ser usado pelos homens. Se algo de sujo há no mundo, é obra das nossas mãos. Ficou d'estarte resolvida, de uma vez para sempre, a questão dentro da Igreja, não assim no mundo da ciência. A Medicina levanta a lebre agora e logo, denuncia o mal, proíbe carnes, chama peste ao porco. Muita gente acredita, às avessas dos nossos avós, que nunca fizeram caso e levaram os anos às portas dos cem, alimentando-se do fumeiro, ferros e robustos, bem-parecidos até final. Não bastava as duas grandes potências virem a campo discutir as virtudes e os defeitos do pobre quadrúpede, senão que os mestres da vida espiritual também o tomam de ponta e vão buscá-lo à pocilga para o pé do avarento, afirmando que a morte dos dois tem seus pontos de toque: na hora e lugar da matança reinam alegria e ansiedade, a ver quem há-de tomar para si o bocado maior e mais sabroso; assim na hora e lugar da morte do avarento, com o bocado maior e mais rendoso. Seja como for, um caloroso obrigado a quem me deu o porco.

Trago grandes trabalhos escondidos em meu peito, tenho de lançar minhas vistas ao Alto, para detrás das estrelas, não vá sucumbir no caminho e cair desfalecido; as coisas do gaiato agravam-se a olhos vistos. No lugar da quinta deles, os homens trabalham em barro e secam seus produtos ao sol, sobre pranchas de madeira. Os garotos do preventório fazem da tenda alvo certo, quebrando à calhoda bilhas e caçarolas, arrastados e dominados por um que entrou, há dias, muito desobediente e muito retilão. Os oleiros já o têm de olho e esperam a maré das contas. Que hei-de fazer? Não posso estar sempre com os garotos, que tenho de mendigar pão e o mais para eles... Perdi na terra a boa opinião; certas pessoas chamam-me *tolo* e no meio piedoso não falta quem bote abaixo a Obra da Rua. Para onde hei-de eu ir?

O gaiato turbulento, ultimamente entrado, é um da classe dos sem-pai, cujas mães costumam ter outros, doutros. Todo ele é palavrão, vício, pontas de cigarro, toada da taberna, gíria de cinemas, escola da rua — por quem o Verbo encarnou. O único remédio que o corrige e que o salva, é amá-lo por amor do mesmo Verbo, mas o mundo não me deixa. Trago grandes trabalhos escondidos em meu peito; tenho de lançar minhas vistas para detrás das estrelas. Para Ti, Senhor, irei, que mais ninguém tem palavras de Verdade!

D. Amândio!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Azurara

Em Azurara
Onde o tempo é tempo
E algo semeia,
Revejo-me nas madrugadas
De lua-cheia
Em Agosto e Setembro!

Em Azurara
Naquele tempo
Amei várias namoradas
Com belos sentimentos,
Risos e lágrimas!

Em Azurara
O tempo perdoa?
A vida tem conta
Entre as areias e a água.

Em Azurara
Neste tempo
Pronuncio novas palavras,
Penso melhores pensamentos
E aos outros dou-me!
Quem me ouviu?
Talvez os meus sonhos
Que outrora deixei dentro
De bonitas conchas!

Manuel Amândio

O sabor da amizade

A «culpa feliz» que o Precónio Pascal canta, temos nós tido, muitas vezes, oportunidade de a cantar. A Voz do Povo diz o mesmo: «Há males que vêm por bem!»

Este ano, alguns dos rapazes da Escola Secundária irão para o Porto. Por inexperiência nossa, com os processos foram cédulas e bilhetes de identidade dos que vão frequentar o 7.º ano. A senhora da Secretaria da Escola Augusto Gil a cujas mãos foram parar, ficou preocupada com

receio de que se perdessem; e, como aconteceu ali não haver vagas, passou recado a colega da Escola Aurélia de Sousa para onde os documentos foram remetidos, recomendando cuidado para que eles se não extraviassem.

Esta senhora tomou o recado tanto a peito que, chegando-lhe também os processos dos do 8.º ano, juntou tudo o que era do Gaiato... e os do 8.º ano foram parar à mesma turma do 7.º. Foi uma manhã de procura nas duas Escolas

para se dar com estes processos..., mas deu-se. Simplesmente os do 8.º ano já não tinham lugar na Escola Aurélia de Sousa e tivemos de procurá-lo em outra, o mais perto possível, que é a Oliveira Martins.

Aqui, a diligência foi feita pelo telefone, pois não pude ficar no Porto para a tarde. Os dois membros do Conselho Directivo que me atenderam, foram incedíveis de boa vontade: o primeiro no desbravar caminhos de solução; o segundo dizendo que a a solução era mesmo

aquela Escola, custasse o que custasse.

Tudo ficou resolvido, pois, quase a contento ideal. Os acidentes de percurso, esses proporcionaram-nos uma doce experiência de solidariedade espontânea e calorosa que principiou na Augusto Gil e se transmitiu em cadeia às outras duas Escolas. Trabalhos que redundaram em fim feliz!

No regresso dei conta deles aos rapazes e da amizade de que eles foram oportunidade de expressão. Deus nos ajude a merecê-la.

E graças por este sinal de que não hão-de faltar naquelas Escolas olhos e corações que velem por estes seus novos alunos.

Padre Carlos

De Jornada

A todos os famintos, Jesus manda que se recostem na relva. Após abençoar o pão, dá-o àqueles que escolhera, para que o distribuam. Não se trata de um pão qualquer, de um pão de que, se produzido em excesso é deitado à rua em protesto reivindicativo; ou que, se não consumido é deitado fora como lixo vulgar. Trata-se de algo que como tudo o que nasce das suas mãos, é puro dom do Céu, um milagre do Amor. É pão, algo sagrado.

Os servidores escolhidos não ficam dispensados de realizar a sua missão: acolher o dom de Deus e fazê-lo chegar aos famintos, de graça, porque de graça o receberam.

E assim este pão sacia todas as fomes do homem: acolhido como dom, distribuído gratuitamente, comido em Paz. Todos ficam saciados e Deus vê confirmada a bondade da Sua Obra. Porém alguns famintos esperam, esperam, e não chega a sua vez, apesar de muito ter sobejado. Uma lógica diversa se interpõe procurando inverter o pensamento divino. Começa a esboçar o sorriso da satisfação, da vitória..., mas sempre alcança a derrota. Mais tarde ou mais cedo o pão será comido em Paz e o menino meterá a mão na toca da serpente.

A Obra realiza-se depois de passar por este caminho de Cruz.

Padre Júlio

Ecoss d'África

Começo hoje com um eco da última publicação de ECOS vindo de um médico que gastou parte da sua vida em Angola:

«Quem me “acordou” hoje, foi um senhor General, no vosso jornal de 12 de Junho. Confesso que não sou bom cristão quando penso nos homens que traíram tão miseravelmente os nossos irmãos africanos e continuam impunes, tentando, e em parte conseguindo, enganar e tirar a memória ao nosso Povo...»

E nós aqui estamos, tranquilos, sem passar fome ... e até podemos ter férias!...

É melhor calar-me...

Um abraço amigo para todos, de minha mulher e meu.»

Graças a Deus, a julgar por tantos testemunhos que nos chegam, reveladores de uma consciência de fraternidade não adormecida que nos conserva vinculados aos martirizados Povos africanos que falam português, os responsáveis pela «exemplar descolonização» terão tentado, sim, mas ainda não

conseguiram «tirar a memória ao nosso Povo». Valha-nos isso!

Este interesse, vivo, encontramos-lo até entre gente jovem, como aqueles da região de Leiria de que o Carlos Roda dava conta há quinze dias, em Notícias de Moçambique; e este grupo que se reúne no Seminário da Consolata em Ermesinde e com o seu entusiasmo e o seu engenho juntou a passar de 285 contos que destinou a Moçambique. E também em paróquias onde se levanta uma voz motivadora, o povo acorre com os seus dons e «a certeza de que estamos unidos no Senhor», como aconteceu em Silvares de Lousada e no Seminário Carmelitano de Viana do Castelo de onde nos chega uma *bolada* anónima.

Outro sinal desta consciência e a respectiva remessa, vem de uma Maria de Lisboa:

«Quando deparamos com dramas humanos com esta dimensão e injustiça social, num País potencialmente riquíssimo (como é Angola), só há um caminho honesto a seguir, como

cidadã portuguesa: contribuir com a modéstia e a pequenez da nossa ajuda, para tentar colaborar com os que, abnegadamente, procuram suavizar-lhes o martírio.

Ainda como portugueses que somos, não podemos nem devemos esquecer a quota-parte que cabe a Portugal na responsabilidade dos factos que proporcionaram e conduziram a tal resultado.»

Outra Maria, do Porto:

«Lembramos muitas vezes aqueles que se encontram nestes momentos tão difíceis, em terras de Angola, ajudando, com todas as suas energias e fé os necessitados... e tantos são eles. Uma palavra de grande apreço e um pedido a Deus para que continue a dar coragem a todos esses grandes obreiros.»

Também da região do Porto, várias presenças no Espelho da Moda. E a Maria Celeste. E um casal amigo: «A situação de guerra em Angola, a fome em Moçambique e todas as carências inerentes aos conflitos em curso nas nossas antigas Colónias, trazem-nos muito unidos em oração.»

E o Manuel, sempre imaginoso e incansável, com os seus respectivos dons e os seus versos populares:

«Pedi ao sr. Conselheiro e deu 5.000\$00

Vendi roupas usadas por preço simbólico e apurei 5.000\$00

No 69.º aniversário da minha mulher poupei 5.000\$00

E sou protestante

E faço o bem em todo o instante

Para agradecer ao Comandante — Jesus.»

«Mando esta migalhinha para juntar a outras e aliviar os sofrimentos desse Povo mártir de Angola. Sofri muito com o relato do último vosso-nosso jornal. Tanta miséria material e moral por culpa de tanta ambição humana e tão pouca fé e amor ao próximo.»

Ligaduras... Ora aí está uma oferta tão prestável e de que raramente alguém se lembra! Viva Linda-a-Velha, de onde vieram!

Mais vinte da Rua Lindo Vale e metade de Alferrarede e quinze vezes mais de Queluz, do *Zé dos Pobres*. E o mesmo de Ferreira do Zêzere. E oitocentos de Lisboa:

«Continuo a ler as notícias da presença da Casa do Gaiato em Angola e Moçambique. Acompanho com a oração por todos e por tanto sofrimento e tanta Esperança.

No mesmo sentido de comunhão peço que aceitem este donativo para ajuda às necessidades mais urgentes nas terras de Angola e Moçambique.»

E duzentos de Viseu, de uma velha e provadíssima Amiga:

«Estou velha e muito doente. Meu marido parece ainda pior do que eu. Nunca se sabe quando será a última vez que temos a alegria de podermos ajudar o Próximo angustiado. Pertence a Deus essa decisão.»

E cem de uma Professora e esta carta linda, que nos permite terminar como principiamos: Bendito seja Deus que não deixa que a memória do Povo lhe seja tirada.

«Não podíamos ir para férias descansados, com a consciência tranquila, sem antes cumprirmos a promessa que fizemos de contribuir com o nosso trabalho — o subsídio de férias — para aliviar o sofrimento em África. Nunca sentimos na carne a falta de tantos bens essenciais, nem nós nem os nossos filhos e netos.

E, graças sejam dadas a Deus, somos uma grande família, não só em número (17) mas essencialmente na unidade em que vivemos. E as outras que vivem a milhares de quilómetros de distância também têm o direito a ser família...»

Muitas vezes no meu dia-a-dia, quando me custa mais fazer qualquer trabalho, penso para mim mesma: Como se sentiriam felizes tantas mulheres de África, da Bósnia, da Jugoslávia, de tantos países por esse mundo fora..., se pudessem ter a minha vida, a minha casa, o direito a ter e viver em família, a poder exercer uma profissão em paz — numa palavra: a serem felizes!...

Saibamos dar graças a Deus por todos os bens morais que temos e fazer o possível para que rendam a cem por cento ao serviço dos Outros.»

Padre Carlos

Património dos Pobres

Continuação da página 1

número do agregado familiar. A capacidade de administração. O comportamento no ambiente habitacional.

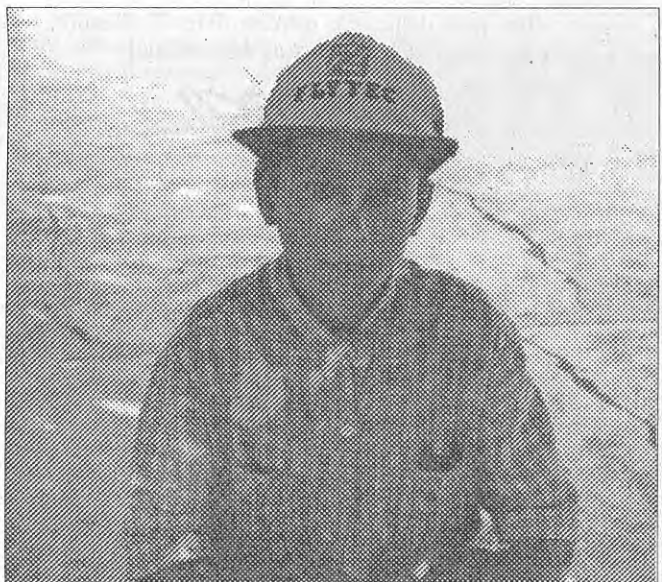
Numa das visitas encontramos casais novos, ambos a ganhar, a pagar de renda quinhentos escudos mensais. Casas com bom recheio. E estão à espera que a Paróquia faça as obras urgentes de que as moradias necessitam!

Regressei de lá triste. Aqueles moradores ainda não entenderam nada da missão do Património dos Pobres

concebida, vivida e pregada por Padre Américo: «Ajudar os que não têm braços nem capacidade para ter a sua casinha, onde possam viver e morrer como pessoas e não como animais.»

Vamos ajudar os que têm capacidade de adquirir a sua casa e a não querer viver por esmola. É um trabalho de promoção humana. Quando há vontade forte, e se sente as mãos de alguém, consegue-se aquilo que nos é necessário.

Padre Horácio



«Astronauta» olhando o espaço!



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239